

Haydu, Verônica Bender. Altruísmo. **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1210, p. 7, 21 de abril. 2006.

Altruísmo

Ser altruísta é comportar-se de forma a cuidar de outras pessoas sem visar interesses pessoais. Nos dois artigos anteriores desta coluna, escrevi sobre o egoísmo e destaquei que temos características biológicas para comportamentos egoístas. Eu sugeri, também, que, do ponto de vista biológico, o altruísmo absoluto é inviável, pois se todos os membros de uma espécie se auto-sacrificarem em prol do outro, a espécie estará fadada a se extinguir.

Se a partir dessa análise, alguém concluir que nós temos que ser egoístas, para sobrevivermos, eu devo dizer que esta pessoa está equivocada, até mesmo se ela estiver considerando apenas a nossa herança genética. A razão para isto é que somos seres sociais e dependemos uns dos outros para sobreviver. Quanto mais cooperação e coesão houver entre os membros de um determinado grupo, maiores são as chances deste grupo adaptar-se e sobreviver. Este grupo pode ser uma família, os associados de um bairro, os fiéis de uma igreja, os membros de uma ONG, os cidadãos de uma cidade ou de um país etc.

Nascemos biologicamente preparados para nos comportarmos de forma egoísta, mas também para nos comportarmos de forma altruísta. Um exemplo disto pode ser observado no que sentimos quando vemos um bebê chorando ou quando vemos uma pessoa sofrendo. Mesmo que sejam estranhos, o sofrimento dos outros nos causa aflição. Então, ver uma pessoa padecer, geralmente, nos leva a tentar ajudá-la, a tentar aliviar seu sofrimento, ou seja, a fazer o bem.

Um outro exemplo de fator determinado por herança genética, que favorece comportamentos altruístas, pode ser identificado na “química do amor”. Não estou me referindo apenas à “química da paixão”, mas a reações como a liberação do hormônio oxitocina, que é sintetizado quando somos tocados de forma carinhosa. Este hormônio está envolvido no desenvolvimento de apego pela pessoa que nos acaricia, o que nos permite concluir que temos uma tendência para desenvolvermos afeto pelas pessoas que nos tratam bem. Esta é uma característica natural dos seres humanos, que vivem em sociedade.

O desenvolvimento de apego é apenas um dos exemplos de como o outro passa a ser importante para nós, pois não é apenas quando somos tocados que estabelecemos vínculos afetivos e tendência a manter proximidade. O benefício de viver em sociedade é sustentado, também, pelo fato de sermos sensíveis às conseqüências que os nossos comportamentos

produzem. Esta sensibilidade foi selecionada ao longo da evolução do ser humano. Há outras espécies animais que apresentam, igualmente, esta característica, só que no caso do homem, há um aspecto muito importante que se destaca: nós somos sensíveis à consequência caracterizada como a aprovação dos outros.

Podemos concluir, diante do que foi exposto, que não é natural uma pessoa não ser afetada pelo sofrimento dos outros ou não modificar seu modo de agir a partir da aprovação ou não de seus atos pelos membros do grupo no qual ela vive. Pode não ser natural, mas isto não quer dizer que este tipo de padrão comportamental não exista. Os desvios de conduta são bastante comuns em nossa sociedade.

A análise acima, nos sugere que deve haver um equilíbrio entre comportamentos altruístas e egoístas para que possamos viver bem em sociedade. No entanto, ela ainda parece incompleta, pois uma análise dos comportamentos geneticamente estabelecidos não nos fornece dados para explicar valores sociais como: moral, ética, justiça, paz, preservação do meio ambiente e outros. Estes valores, que implicam nos conceitos de “bem” e de “mal”, de “certo” e de “errado”, só podem ser explicados se considerarmos que as pessoas que vivem em sociedade são por ela educadas, para darem preferência a práticas que levem à sobrevivência das culturas (no plural).

Uma análise dessas práticas seria muito extensa para os propósitos deste artigo, mas creio que posso apoiar a teoria de que os nossos valores éticos e morais são determinados por uma combinação de fatores que envolvem um bem maior que é a sobrevivência das culturas. Uma pessoa que visa apenas o seu bem pessoal (o egoísta) pode ser favorecida, num primeiro momento, mas ela não pode esquecer que ela vive em sociedade e que, se o seu grupo social não sobreviver, ela também não sobreviverá. Se a sociedade em que vivemos for formada apenas por pessoas egoístas, todos sofrerão os prejuízos de práticas deste tipo. Além disso, o egoísta não pode querer que os outros o tratem bem, pois, assim como ele, estarão todos agindo apenas em seu próprio benefício. Portanto, as coisas devem ser boas ou ruins, não somente para o indivíduo, mas, especialmente, para o grupo social no qual ele vive.

Você pode acessar os textos anteriores desta coluna, no meu *site* pessoal: www.uel.br/pessoal/haydu.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo